

### **Tráfico interno de escravos em Mariana: 1861-1886.**

Camila Carolina Flausino<sup>1</sup>

Ao longo do século XIX, as medidas referentes à proibição do tráfico atlântico africano para o Brasil fizeram com que o preço dos cativos se elevasse consideravelmente, mas como havia demanda por mão-de-obra escrava, principalmente nas áreas de implantação e expansão da lavoura cafeeira, os fazendeiros com condições financeiras privilegiadas recorreram ao mercado interno. As províncias do Norte do Brasil, em crise devido ao declínio na produção açucareira e às secas prolongadas, foram as primeiras a enviarem um grande número de cativos para a região Centro - Sul, especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Era o começo da intensificação dessa nova fase de transferência de escravos, agora interno, praticado entre províncias diferentes (interprovincial) e mesmo dentro dos limites das províncias (intraprovincial / intramunicipal), destinado a atender a demanda por braço escravo e, em certa medida, contribuir para prolongar o regime escravista nessas regiões.

A escravidão teve importância fundamental para a região por nós estudada até as vésperas da abolição. Através da análise das listas nominativas da região, Libby estimou que 26,81% dos escravos da província em 1850 concentravam-se na região Metalúrgica – Mantiqueira<sup>2</sup>. Já em estudos a partir do censo de 1872, Martins calculou que 24,9% dos escravos da província estavam presentes nessa região, enquanto que 23,9% na região sul e 19,3% na Zona da Mata, denotando que a região do antigo centro minerador detinha o maior número de cativos da província, número que só veio a decair nos anos 1880 (19,5% para o ano de 1880 e 17,3% para os anos de 1884 e 1886) província<sup>3</sup>.

O tráfico interno de escravos na segunda metade do século XIX é um tema ainda pouco descrito na historiografia brasileira, conseqüentemente, evidencia-se uma carência de trabalhos de caráter local que é, sem dúvida, de fundamental importância na medida

em que tornam as formulações gerais hipóteses a serem verificadas localmente, com bases empíricas mais sólidas.

Dessa forma, nossa pesquisa apresenta resultados parciais de alguns aspectos da prática do tráfico interno de escravos em Mariana, município do antigo centro minerador, que continuou demandando mão-de-obra escrava mesmo após o declínio da produção aurífera<sup>4</sup>. Analisamos os 5 livros de registros de compra e venda de escravos do 1º e 2º ofício que cobrem o período de 1861 a 1886, com exceção apenas para o ano de 1868, ano que não houve nenhum registro. Computamos 162 registros que envolveram 325 escravos, sendo 188 do sexo masculino e 137 do sexo feminino a fim de observarmos o perfil do escravo comercializado, os preços praticados no mercado e, principalmente, o destino desses escravos através da informação do local de residência de vendedores e compradores.

Na tabela 1, apresentamos a distribuição dos escravos negociados segundo o sexo e a faixa etária. Analisando a tabela, percebemos que o tráfico interno guardava muitas semelhanças ao atlântico, visto que a faixa etária que mais concentrava as negociações se dava entre os cativos de 20 a 29 anos, sendo de 26,1% para os homens e 28,7% para as mulheres. Houve grande concentração de negociação de escravos de ambos os sexos entre as faixas etárias de 20 a 39 anos (44,7%), ou seja, havia preferência por escravos em idade produtiva, preferencialmente de homens. A presença significativa de cativos com até 10 anos, pode denotar traços de reprodução interna, no entanto, a fonte por nós trabalhada não permite qualquer afirmação nesse sentido.

*Tabela 1- DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS COMERCIALIZADOS  
SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E SEXO*

Faixas etárias	Homens*		Mulheres**	
	n <sup>o</sup> s. abs.	%	n <sup>o</sup> s. abs.	%
< 10	28	15,2	17	12,5
10-19	46	25,0	37	27,2
20-29	48	26,1	39	28,7
30-39	29	15,8	27	19,8
40-49	19	10,3	14	10,3
50 e +	14	7,6	2	1,5
Total	184	100,0	136	100,0

Fonte: Registros de compra e venda de escravos. Todas as tabelas seguintes foram confeccionadas a partir da mesma fonte.

n<sup>o</sup>s. abs. = números absolutos. Mesmo significado nas tabelas seguintes.

\* Excluimos 4 homens por não constar a idade.

\*\* Excluimos 1 mulher por não constar a idade.

Na tabela 2, encontramos um total de 243 escravos com preços declarados. Muitos dos casos que desconsideramos, tratava-se de escravos vendidos em grupos nos quais não havia o informe do preço individual, e sim do valor total da negociação. Analisando os dados da tabela, podemos observar que, durante todo o período estudado, o preço dos homens foi maior que o das mulheres. Essa constatação implica dizer que o sexo era uma variável fundamental na determinação dos preços dos cativos, como já descrito na historiografia sobre o tráfico atlântico.

Comparando as faixas etárias, percebemos que, em média, os escravos, tanto do sexo masculino quanto feminino, eram mais caros entre as faixas de 15 a 39 anos (idade

considerada produtiva). Nessa faixa também houve maior incidência de transações. Embora o maior número de escravos negociados tenha sido na década de 1870, os preços entre os anos de 1861 a 1869, foram mais elevados, contrariando o que normalmente é observado nos estudos para outras localidades, onde os preços tenderam serem mais elevados na década de 1870.

Na faixa de 20-29 anos foram encontrados os preços mais elevados ao longo das décadas, tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, a média de preços dos homens foi sempre maior que a das mulheres. Os preços médios das mulheres só superaram os dos homens nas décadas de 1860 e 1870 na faixa correspondente a escravos com menos de 10 anos (1860) e de 40-49 anos na década de 1870, coincidentemente, faixas etárias que não tinham tanto valor no mercado de escravos.

*Tabela 2- Preços médios (em libras) de escravos segundo sexo e faixa etária de acordo com o período da transação*

Faixas	1861-1869		1870-1879		1880-1886	
	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio
<b>Homens</b>		(£)		(£)		(£)
< 10	9	68,23	7	51,87	-	-
10-14	12	136,37	7	91,1	1	92,31
15-19	11	163,64	5	139,36	5	100,48
20-29	14	174,26	17	148,26	7	121,28
30-39	4	117,92	10	136,89	6	88
40-49	8	121,16	6	90,77	2	78,3
50 e +	4	59,5	2	105,05	3	56,07
Total	62	125,15	54	117,44	24	95,69

Faixas	1861-1869		1870-1879		1880-1886	
Etárias	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio	n <sup>o</sup> s. abs.	Preço médio
<b>Mulheres</b>		(£)		(£)		(£)
< 10	2	78,2	5	52,2	-	-
10-14	6	109,17	6	66,83	1	35,2
15-19	12	143,07	12	83,37	3	54,2
20-29	10	153,84	13	104,21	2	68,9
30-39	11	117,47	6	87,08	3	47,87
40-49	6	91,1	2	94,2	1	35,2
50 e +	-	-	1	25,78	1	26,37
Total	47	107,38	45	83,42	11	49,16

Analisando a tabela 3, das 157 escrituras que constam local de residência dos vendedores, 74 ou 47,1%, refere-se a vendedores residentes em Mariana. Se acrescentarmos os dados dos moradores nas freguesias e distritos de Mariana (24,8%), esse número aumenta para 113, ou seja, 71,9% das transações foram feitas por moradores da própria região de Mariana. Os vendedores residentes em outras cidades da área Metalúrgica - Mantiqueira somam 12,1% do total, seguido pelos residentes em cidades da zona da Mata (8,3%). Uma parcela diminuta residia em outras cidades de Minas (5,1%), e ainda menor eram os vendedores de outras províncias (0,6%). Dessa forma, podemos perceber que a maior parte dos vendedores residiam na cidade de Mariana ou em municípios vizinhos.

No que se refere ao local de residência dos compradores, a maioria refere-se à própria localidade do município de Mariana, 56 casos (37,6%) e a seus distritos e freguesias, 35 casos (23,5%). Os compradores residentes em outras cidades da área Metalúrgica - Mantiqueira somam 15,43% (23 casos). Compradores das cidades da zona

da Mata somaram 22 casos (14,8%), seguidos pelos residentes em outras cidades de Minas, 7 casos (4,7%) e dos residentes em outras províncias, 3 casos (2,0%). Se somarmos os compradores que residiam no município de Mariana e os que residiam nas freguesias e distritos de Mariana, temos um total de 91 casos, ou seja, 61,1%, o que nos permite afastar a hipótese de que estivesse havendo transferências de escravos dessa região, como para a zona da Mata, região onde se desenvolvia a cafeicultura, que contribuiu com apenas 14,8% das compras feitas no mercado de escravos marianense.

As evidências que dispomos, mostram que a região de Mariana estaria mantendo sua mão-de-obra escrava e que o comércio de cativos estava reduzido, em sua maioria, dentro das fronteiras de sua região (tráfico intramunicipal). Dessa forma, longe de estar enviando seus escravos para outras localidades da província mineira e mesmo para outras províncias, essa antiga área mineradora estava mantendo seus escravos. Esse fato não seria possível se a economia dessa região estivesse estagnada, pois se havia demanda por cativos, é porque a economia regional os estava solicitando.

*Tabela 3- Participação de vendedores e compradores segundo o sexo e local de residência*

Local de Residência	Vendedores*			Compradores*		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Da própria localidade	65	9	74	54	2	56
Freguesias e distritos da localidade <sup>1</sup>	32	7	39	35	-	35
Outras localidades da Província de Minas <sup>2</sup>	37	3	40	52	-	52
Outras províncias	-	-	-	4	-	4
Outro país	1	-	1	-	-	-
Indeterminada	2	1	3	2	-	2
Total	137	20	157**	147	2	149**

<sup>1</sup> Não considerando a localidade.

<sup>2</sup> Não considerando a localidade e seus distritos e freguesias.

\*Os totais de vendedores e compradores divergem em decorrência de que havia transações que envolveram mais de um vendedor e/ ou comprador.

\*\* Excluimos 12 casos sobre os quais não constavam o local de residência do vendedor e 12 casos em que não havia informação para o local de residência do comprador e 1 caso por se tratar de uma firma.

## Notas

---

<sup>1</sup> Mestranda em História - UFJF

<sup>2</sup> LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988. P.47.

<sup>3</sup> MARTINS, Roberto B. *A economia escravista da Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982. (Texto para Discussão, 10). P.31.

<sup>4</sup> A historiografia revisionista, rejeitando a tese da decadência e estagnação da economia após o *boom* aurífero e ressaltando a coexistência de outras atividades econômicas, tais como a agricultura e pecuária que, posteriormente, se destacaram, tem adeptos em:

ALMEIDA, Carla Maria C. de. *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana - 1750-1850*. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense. 1994;

LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988;

CANO, Wilson. & LUNA, Francisco Vidal. "A reprodução natural dos escravos em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese". *Cadernos IFCH-UNICAMP*, 10: 1-14. Nov. 1982;

MARTINS, Roberto B. *A economia escravista da Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982. (Texto para Discussão, 10);

SLENES, Robert W. "Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX". In: *Estudos Econômicos*. São Paulo, v.18(3): 449-495. Set. /dez. 1998;

\_\_\_\_\_. Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888. In: COSTA, Iraci del Nero da. (org.), *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, p. 103-155, 1986, dentre outros.